

Robert J. Stoller foi um psiquiatra e psicanalista norte-americano que dedicou boa parte de sua pesquisa, na Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, ao tema da sexualidade, especialmente às perversões e à chamada problemática do *gênero*, concernente à formação da identidade sexual. Ainda que morto precocemente em um acidente, deixou uma obra extensa, publicada, na maior parte, nos anos 70. Apesar de sua importância para a psicanálise, ele é um autor ainda pouco conhecido e divulgado no Brasil¹. Mas, curiosamente, uma autora como Joyce McDougall, bastante divulgada e reverenciada por aqui, tem em Stoller um dos principais inspiradores. Seus trabalhos sobre a perversão devem ao norte-americano um de seus principais fundamentos, que é a noção de *montagem ou cena sexual* perversa, como veremos a seguir.

Usando uma linguagem clara e sem volteios e evitando até mesmo o emprego de termos próprios ao vocabulário psicanalítico, Stoller discordava daqueles que contestam o uso do termo *perversão* em psicanálise. Como, para ele, a presença da *hostilidade* em relação ao objeto é a característi-

A erotização do ódio na perversão

Resenha de Robert J. Stoller, *Perversion: the erotic form of hatred*, London, Karnak Books, 1986, 240 p. (edição americana original de 1975)

ca central do ato perverso, o uso de tal palavra não é, afinal, tão impróprio. As tentativas de abolição deste termo, para Stoller, derivam de um certo tipo de postura intelectual – que hoje poderíamos chamar de “politicamente correta” – preocupada com as conotações morais que ele carrega.

Para Stoller, entretanto, a investigação psicanalítica da perversão deve ter como escopo privilegiado a definição *clínica* do termo. Todas as suas formulações decorrem desta disposição. Para ele, o fator-chave na definição da perversão é a *hostilidade*: perversão é definida como o resultado de um interjogo essencial entre hostilidade e desejo sexual. Ora, tal concepção, *grosso modo*, afirma uma certa proximidade entre a noção psicanalítica e a noção corrente de perversão. Sem fazê-las necessariamente coincidentes, o autor, no entanto, demonstra que a perversão, na acepção psicanalítica, comporta elementos hostis, tal como o uso comum do termo tem por suposto.

A perversão, de acordo com Stoller, é um produto da ansiedade, sendo que o comportamento perverso molda-se a partir de remanescentes e de ruínas da história do desenvolvimento libidinal, particularmente da dinâmica familiar. Ele acredita que, se pudéssemos, de modo utópico, saber *tudo* o que aconteceu na história do sujeito que investigamos, então encontraríamos certamente os eventos históricos que se fazem representar em detalhes no ato sexual manifesto do perverso. Poderíamos, assim, saber como e por que tal pessoa elevou suas experiências sexuais precoces – aquilo que mais prazer lhe causou – à condição de parte do cenário perverso.

A hipótese do autor é a de que a perversão é uma fantasia posta em ato por meio de uma estrutura defensiva construída gradualmente através dos anos, com a finalidade de preservar o prazer erótico. O desejo de preservar tal gratificação seria proveniente de duas fontes: um extremo prazer físico que, pela sua própria natureza, demanda uma repetição, e a necessidade de manutenção da identidade.

Aproximamo-nos, aqui, de um ponto fundamental da teoria de Stoller sobre a perversão, que é também uma de suas contribuições mais originais: a idéia de que a montagem da cena perversa não visa somente à negação da castração, mas visa, sobretudo, à manutenção da identidade sexual ameaçada².

Stoller foi um pesquisador e um teórico freudiano *sui generis*, que levou às últimas conseqüências o Freud que postulava a realidade do trauma na determinação da psicopatologia e, por conseguinte, nas peculiaridades da formação do sintoma, coisa que o próprio criador da psicanálise descartou precocemente. É assim que, para ele, a perversão é o resultado de uma determinada dinâmica familiar que, induzindo medo, força a criança a evitar o enfrentamento da situação edípica, na qual, todavia, ela já se

encontra imersa. O desfecho do conflito edípico não seria, portanto, a dissolução do mesmo pela via do recalçamento, mas sim a sua evitação, o que adiará *ad infinitum* sua resolução, mantendo-o suspenso. É verdade que tal idéia, ainda que não coincida exatamente com o conceito freudiano de *recusa* (*Verleugnung*), guarda certa familiaridade com o mesmo.

As idéias do Freud não-organicista, que debitava na conta da *experiência* a formação de toda e qualquer identidade sexual, são levadas extremamente a sério por Stoller. Assim, não haveria uma sexualidade *natural*, dada pelos imperativos biológicos, mas toda forma assumida pela sexualidade seria uma *construção* baseada na história das relações objetais, ou seja, seria *contingente*. A heterossexualidade também seria uma aquisição. De acordo com o nosso autor, chegaríamos a compreender a perversão se a tomássemos como um desvio patológico, acreditando ser a heterossexualidade algo dado e natural.

Este ponto de vista, entretanto, não impede que Stoller encare a perversão como uma *aberração* na qual o ódio está presente na qualidade de elemento estruturante primordial. Este seria um outro ponto-chave da sua teoria da perversão: trata-se da *forma erótica do ódio*, pois aquilo que preside o ato perverso é o desejo de ferir ou danificar o outro: na prática, trata-se de uma fantasia atuada.

Coincidindo com aquilo que Freud afirmava nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Stoller observa que o modo de obtenção de prazer

do perverso é rígido e invariável; mas acrescenta que tal prática é necessária e primariamente motivada pela *hostilidade*. É sobre este ponto que ele vai insistir, recuperando, sem contudo dizê-lo, a afirmação de Freud – feita nos mesmos *Três ensaios* – de que, na sexualidade perversa, os componentes pré-genitais (orais e sádico-anais) constituem o eixo central, enquanto que, na chamada sexualidade “normal”, é a genitalidade que tem a primazia.

A hostilidade, na perversão, assume a forma de uma fantasia de *vingança* – escondida em ações que a dissimulam – que tem a função precípua de converter um *trauma infantil* em um *trunfo adulto*. Esta operação de conversão da cena traumática infantil (portanto, vivida passivamente) em triunfo vingativo adulto (imaginado ativamente) é responsável pela produção da excitação sexual. E, para incrementá-la, maximizando-a, há também que se montar uma cena sexual que assuma o caráter de um *ato arriscado*.

Assim caracterizando a formação perversa, Stoller dispensa a necessidade de defini-la de acordo com a anatomia usada pelo sujeito em seu ato sexual, do objeto escolhido, dos parâmetros da moralidade social estabelecida ou do número de pessoas que fazem uso dela: o que importa verdadeiramente, na definição do que é uma mon-

tagem perversa, é o *significado que ela assume para a pessoa que a pratica*.

A montagem perversa reproduz a situação traumática efetivamente vivenciada na infância, que deve ser revivida e “corrigida” em ato nos detalhes da cena perversa. A perversão, assim, é a revivescência de um trauma *sexual* – e não de um outro tipo qualquer – ocorrido quer sobre a *área sexual* (anatômica), quer sobre a *identidade de gênero* (como, por exemplo, no caso da criança que é tratada como se pertencesse ao outro sexo biológico). No ato perverso, o passado é evocado inconscientemente: neste momento, o trauma é transformado em prazer, vitória e orgasmo. É como se a história fosse lembrada em ato, mas contada com um desfecho oposto ao que teve na cena traumática real, agora de modo favorável à vítima. A passividade transforma-se em atividade e a vingança se efetua sobre um objeto escolhido para representar a criança vitimada. Mas a necessidade que o perverso tem de repetir sempre (compulsivamente) e da mesma forma (estereotipadamente) sua cena sexual atesta a impossibilidade de tal ato pôr o sujeito, efetivamente, a salvo do perigo. A memória do trauma é inconsciente e não cessa de manifestar-se e de exigir uma defesa.

Para Freud, a excitação sexual vivida precocemente por uma criança, pelas mãos de um adulto, representava um trauma e contribuía para a consolidação de uma perversão. Stoller concorda com esta hipótese causal, mas a considera válida apenas nos casos em que tenha havido *muita estimulação e pouca descarga* ou então um *severo sentimento de culpa* como decorrência. Este tipo de experiência, sentida como trau-

mática, é que deve ser transformada imaginariamente, por meio do ritual perverso, em uma aventura bem-sucedida.

O ritual perverso adequado à conjuração do trauma é construído, através de ensaio e erro, na história de vida do sujeito. Entretanto, se a magnitude do trauma é tal que chega a solapar até mesmo a possibilidade de se construir um ritual rígido e empobrecido como a montagem perversa, então a vida sexual será marcada pela falta de interesse sexual e pela ansiedade, manifestas sob a forma de um distúrbio de potência. A partir desta constatação, Stoller vai concluir que uma das finalidades da estruturação de uma perversão é a manutenção da possibilidade de se obter prazer sexual.

A introdução do sentido de *risco* no ritual visa ao propósito do sujeito de lutar contra o desinteresse sexual que poderia resultar de sua história traumática. A função do risco é exatamente a de incrementar a excitação e garantir a gratificação sexual. Mas o risco não pode ser extremo: a situação deve estar, em alguma medida, sob controle. O risco tem de ser baixo, ou, melhor dizendo, o que efetivamente importa é a *impressão de que se está correndo risco*.

A função do risco como fator de excitação e de prazer sexuais é inerente à dinâmica da vingança. A falta de interesse sexual seria o resultado de uma ausência de risco. A excitação é o produto de uma oscilação entre a possibilidade de falhar (que é pequena) e a ante-

cipação do triunfo (que é grande). Assim, a perversão poderia ser também descrita, em uma de suas facetas, como um complicado atalho que passa pela sensação de perigo e caminha em direção à gratificação sexual triunfante. Lembremos que, na perversão, o prazer sexual é salvo pela erotização do risco, quando há uma revivescência inconsciente do trauma mas seu desfecho é alterado em fantasia.

Stoller supõe que, quando o trauma é completo, talvez não resulte dele uma perversão, mas sim que a função sexual seja simplesmente apagada, isto é, dela resulte a abolição da função sexual ou a impossibilidade de exercê-la. Assim, a perversão resulta do *estrago* da função, mas não de sua *destruição*. Alguma esperança ainda subsiste.

Um outro ponto relevante da obra de Stoller concerne ao estatuto do objeto na perversão. Uma conclusão importante deste autor é a de que todo o trabalho de construção da fantasia a ser encenada pelo perverso tem por corolário a *desumanização* do objeto sexual³. Este não é e nem pode ser – sob pena de colocar em risco a montagem perversa – encarado como pessoa ou *alteridade*. Muito embora, na prática, o objeto seja uma pessoa real com sua personalidade, o perverso nele procura vislumbrar uma criatura sem humanidade ou simplesmente

um fragmento anatômico ou de personalidade. Este fato explica porque o objeto é sempre descartável e também nos mostra a razão pela qual a promiscuidade faz parte quase necessária da vida sexual do perverso. Em relação ao fragmento anatômico, Stoller parece referir-se ao que Freud chamava de *objeto parcial*: um órgão sexual ou qualquer outra parte do corpo do parceiro.

Uma outra questão que vale a pena examinar, se quisermos ter uma visão mais ampla da teoria geral da perversão de Stoller, é a maneira particular como ele compreende o complexo de Édipo freudiano, produzindo uma verdadeira inversão das afirmações de Freud sobre os avatares da constituição da identidade sexual do menino quando comparados aos da menina.

Enfatizando a *qualidade* da presença dos pais como modelo identificatório para os filhos, Stoller subverte a tese freudiana de que a feminilidade da menina é um destino identificatório cujo caminho é mais longo e tortuoso do que aquele verificado no caso da masculinidade do menino. Para Freud, a primeira relação do menino, por ter a mãe como objeto, teria

um caráter heterossexual, enquanto que, para a menina, a primeira relação seria homossexual. *Stoller não privilegia, como Freud, o investimento sexual primário como determinante da posição sexual primária, mas sim a posição identificatória inicial.* Segundo este ponto de vista, então, tanto o menino quanto a menina estariam originariamente identificados com a mãe. Assim, para o menino, atingir a masculinidade implica separar-se dela, rompendo a unidade mãe-filho. As condições para que tal processo ocorra de maneira equilibrada são dadas pela atitude materna: se a mãe força uma intimidade exagerada com seu filho, ela estará colocando um obstáculo à formação de sua identidade masculina.

Como fica patente, este modo particular de compreender a formação da identidade sexual contrasta com postulações centrais da teoria sexual de Freud. Em Stoller, não há primazia do pênis, mas do seio e da capacidade procriativa da mulher. Ele discorda frontalmente da importância que Freud atribuía ao pênis, envolvendo nos caracteres femininos os verdadeiros atributos que uma criança deseja possuir. Uma consequência deste modo de conceber a identificação sexual é a conclusão de que os homens, quando em fantasia, atribuem um falo à mulher, não o fazem – como postulava Freud para negar a inferioridade feminina, mas sim para negar a superioridade da mulher! Portanto, a descrição freudiana da formação do fetiche e de sua fun-

ção precisaria ser reescrita se quiséssemos reformulá-la nos termos da teoria de Stoller.

Para a menina, originalmente identificada à mãe, não haveria necessidade de mudanças tão intensas para a aquisição da feminilidade. Já para o menino, existe a necessidade de uma desidentificação que é altamente ansiógena. Se ele permanece unido à mãe, sua masculinidade não é atingida. E como este destino identificatório é intensamente exigido pelo meio social, ele se vê na obrigação de obtê-lo e, conseqüentemente, na angústia diante da possibilidade de fracassar em tal empreitada.

Os fatores etiológicos da perversão, segundo Stoller, encontram-se na modalidade da atitude da mãe – sua resposta, por assim dizer – frente à necessidade de separação que tem o seu filho. O trauma sexual necessário para a consolidação de uma perversão, repito, deve ocorrer sobre a anatomia sexual propriamente dita ou sobre a identidade sexual. Portanto, uma atitude da mãe contrária à separação do filho – e por conseqüente, contrária à sua *desidentificação* – constitui um trauma da segunda espécie. No extremo de tal atitude encontramos uma mãe que nem sequer permite a seu filho a entrada no conflito edípico, quando então ambos protagonizam uma relação idílica da qual o pai se exclui completamente. Stoller vê aí

a gênese do transexualismo⁴, que estaria localizada, assim, em um estágio praticamente pré-sexual. Não se trata, neste caso, de um fracasso na elaboração do conflito edípico, mas de algo mais regressivo, que seria a não-entrada no mesmo.

* * *

Ao procurar estabelecer uma "genealogia" teórica do pensamento de Stoller, deparamo-nos com uma primeira dificuldade, decorrente de seu estilo peculiar: esta genealogia deve ser primordialmente inferida, à medida que ele não a explicita textualmente. Além do mais, Stoller é um autor que emite conceitos genuinamente próprios, entremeados aos de outros autores ou afirmados por meio da oposição a formulações clássicas.

Stoller recusa o uso excessivo de termos próprios do vocabulário psicanalítico, preferindo colocar suas idéias sobre o funcionamento mental em uma linguagem ordinária e não-hermética ou, segundo ele próprio, de modo que todos possam compreender o que se quer dizer. Empreendimento difícil, sem dúvida, mas que o autor consegue levar a cabo de maneira exemplar.

Kernberg⁵, tecendo comentários sobre a obra de Stoller, lembra primeiramente que Janine Chasseguet-Smirgel⁶ é uma autora que chamou a atenção para "as consequências patológicas de grave agressão precoce, no processo de separação-individuação da mãe, particularmente nas vicissitudes da identificação da menina com funções femininas e a tolerância do menino pela rivalidade edípica com o pai". E, prosseguindo, ele rende tributo à originalidade de Stoller que, como representante de uma certa tendência psicanalítica norte-americana, foi quem deu um passo fundamental ao enfatizar a importância deste mesmo processo de separação-individuação na gênese da perversão, quando definiu "o medo da feminilidade, nos homens, como sendo uma expressão de suas ansiedades no que diz respeito à perda da identidade sexual, derivada da identificação primária com a mãe, a qual necessita ser desfeita, a fim de uma identidade masculina poder ser desenvolvida".

Estamos, como o leitor pode constatar, diante de um autor original, que investigou com afinco os mistérios da dinâmica da perversão e da sexualidade em geral, acrescentando à literatura psicanalítica idéias que são, no mínimo, arrojadas e controversas. Prova disto é que ele se tornou refe-

rência para autores tão diversos como Otto Kernberg⁷, Lionel Ovesey & Ethel Person⁸, Masud Khan⁹, Christopher Bollas¹⁰, Joyce McDougall¹¹, Janine Chasseguet-Smirgel¹² e Jacques André¹³, entre outros. Ainda que sua obra contenha pontos passíveis de crítica ou até mesmo pontos especulativos mais frágeis, como suas incursões por uma "teoria social" da perversão¹⁴, sua obra veio para ficar ao lado dos clássicos sobre a sexualidade humana. Sua ausência em nossos meios não só nos empobrece como nos faz atribuir a outros autores idéias que, na verdade, a psicanálise deve a ele.

NOTAS

1. De sua extensa obra, três livros foram publicados no Brasil: *A experiência transexual*, Imago, 1982, *Masculinidade e feminilidade*, Artes Médicas, 1993, e *Observando a imaginação erótica*, Imago, 1998.
2. Tal idéia de Stoller foi definitiva para a teorização que Joyce McDougall viria a fazer acerca da perversão.
3. J. McDougall, J. C. Smirgel e M. Khan são autores que fazem, cada um à sua moda, formulações semelhantes a esta quando tratam do estatuto do objeto na perversão. Para Masud Khan, por exemplo, o objeto não chega a ser inteiramente o outro - diferente, separado e independente -, mas algo inter-

mediário entre o próprio eu e o mundo externo, ou seja, aquilo que Winnicott denominou *objeto transicional*.

4. Não entrarei aqui nos detalhes da teoria de Stoller sobre o transexualismo, tema que o ocupou em muitos de seus trabalhos e sobre o qual ele deixou uma contribuição original. Sobre isto, ver J.C. Garcia, *Problemáticas da identidade sexual*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, obra que se ocupa de tal assunto e que inclui o ponto de vista de Stoller, trazendo, inclusive, um apanhado das críticas que ele recebeu de Moustapha Safouan.
5. O. Kernberg, *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995, p. 272-273.
6. J. C. Smirgel, *Éthique et esthétique de la perversion*, Paris, Éditions du Champ Vallon, 1984.
7. O. Kernberg, *op. cit.*
8. L. Ovesey & E. Person, "Gender identity and sexual psychopathology in men: a psychoanalytic analysis of homosexuality, transsexualism and transvestism", in *J. Am. Acad. Psychoanal.*, 1973, 1:53-72.
9. M. M. R. Khan, R., *Alienation in perversions*, London, The Hogarth Press, 1979.
10. C. Bollas *Hysteria*, São Paulo, Escuta, 2000.
11. J. McDougall *The many faces of Eros*, London, Free Association Books, 1995.
12. C. Smirgel, *op. cit.*
13. J. André "Introduction: le masochisme immanent", in: *L'énigme du masochisme*, Paris, PUF, 2000.
14. Não é minha intenção entrar em detalhes, no presente trabalho, sobre este ponto da obra de Stoller; lembro, todavia, que Peixoto Jr. faz uma crítica detalhada de tal concepção. Ver Peixoto Jr., *Metamorfozes entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

Flávio Carvalho Ferraz é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; doutor em Psicologia pela USP, com pós-doutoramento pela PUC-SP; autor dos livros *A eternidade da maçã: Freud e a ética* (SP, Escuta, 1994), *Perversão* (SP, Casa do Psicólogo, 2000) e *Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua* (SP, Casa do Psicólogo, 2000).